

Integrações e revisões no campo das terapias familiares — Poderá haver um modelo global?

POR
ANTÓNIO ROMA TORRES(1)

Resumo

Os primeiros passos da Terapia Familiar implicaram uma consciência de movimento, pela proposta de uma prática alternativa no domínio da terapia e da saúde mental, e uma divisão por escolas, com tendência a um desenvolvimento divergente e fragmentário. A uma segunda geração de terapeutas familiares coube a formulação de algumas articulações num primeiro movimento de integração.

Mas os terapeutas familiares cedo revelaram uma tendência para pôr em questão crenças antes santificadas, permeabilizando-se à autocrítica e à modificação constante de pontos de vista, o que trouxe a esta área do conhecimento uma grande criatividade.

Naturalmente as revisões no campo da Terapia Familiar podem porém transformá-lo numa espécie de “areias movediças” onde as diversas contribuições por mais relevantes que sejam se afundam e perdem de vista.

Traduzido em termos recentes do construtivismo dos terapeutas narrativos a Terapia Familiar estaria a ser “re-storied” mas frequentemente novos conceitos parecem apenas repôr posturas clássicas como o “reframing” ou a “conotação positiva”.

No entanto algumas das noções aparentemente fundamentais da Terapia Familiar parecem “passar de moda”, como o modelo cibernético, a homeostase, a função reguladora do sintoma, a noção de que a mudança precede o “insight”, o paradoxo e as intervenções estratégicas.

Procurando responder a novas necessidades de integração o autor propõe um modelo que agrupa os vários tipos de intervenção terapêutica, nas fases de entrevista e de prescrição, segundo os eixos analógico/digital (comunicação) e próximo/distante (acomodação), estabelecendo simultaneamente zonas de vizinhança e permuta com outras práticas terapêuticas (psicanálise, comportamentalismo, psicodrama, cognitivismo), revendo nesse quadro as principais técnicas desenvolvidas por diversos autores.